

ANÁLISE DOS SISTEMAS- MUNDO

**UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO
DE IMMANUEL WALLERSTEIN**

Charles Pennaforte

Coleção Dinâmicas Contemporâneas
História, Geopolítica & Relações Internacionais
Vol. 3
2ª edição

ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO

**UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE
IMMANUEL WALLERSTEIN**



Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Fabiane Tejada da Silveira*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão* (TITULAR),

Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosângela Ferreira Rodrigues* (TITULAR)

e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno* (TITULAR)

e Jucimara Baldissarelli

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte* (TITULAR)

e Silvana Schimanski

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil* (TITULAR)

Coleção Dinâmicas Contemporâneas
História, Geopolítica & Relações Internacionais
Vol. 3
2ª edição

ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO

**UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE
IMMANUEL WALLERSTEIN**

Charles Pennafort

Pelotas, 2023





**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane
Administrativo
Suelen Aires Böettge
Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais
Eliana Peter Braz
Administrativo

Revisão textual
Anelise Heidrich
Assistente de Revisão
Suelen Aires Böettge
Administrativo

Projeto gráfico e diagramação
Fernanda Figueredo Alves
Angélica Knuth (Bolsista)
Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto
Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Madelon Schimmelpfennig Lopes
Administrativo
Eliana Peter Braz
Administrativo

Projeto Gráfico

Alana Machado Kusma

Diagramação & Capa

Angélica Knuth

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes C RB: 10/2064

P412a Pennaforte, Charles
Análise dos sistemas-mundo [recurso eletrônico]: uma
introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein / Charles
Pennaforte. 2. ed. - Pelotas : Ed. UFPel, 2023.
81 p. - (Coleção Dinâmicas Contemporâneas História,
Geopolítica & Relações Internacionais; v. 3)

3,40 MB, e-book (PDF)
ISBN: 978-85-60696-19-2

1. Wallerstein, Immanuel Maurice. 2. Globalização. 3.
História social. 4. Teoria dos sistemas. 5. Política mundial. 6.
Sistemas sociais. I. Título. II. Coleção.

CDD: 303.4

A COLEÇÃO DINÂMICAS CONTEMPORÂNEAS
- HISTÓRIA, GEOPOLÍTICA & RELAÇÕES
INTERNACIONAIS tem como objetivo trazer
ao público os grandes temas de relevância
do cenário nacional e internacional. Para
isso conta com a análise de grandes espe-
cialistas que aprofundam os seus temas de
estudos por meio de uma linguagem aces-
sível e crítica.

Coleção Dinâmicas Contemporâneas
História, Geopolítica & Relações Internacionais

COORDENADOR

Charles Pennaforte

Universidade Federal de Pelotas

CONSELHO EDITORIAL

Edgar Gandra

Universidade Federal de Pelotas

Georgina Németh Lesznova

Instituto Superior de Relaciones Internacionales "Raúl Roa
García" - Cuba

Gilberto Aranda

Universidad de Chile

Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Roy Williams

Universidade Nacional de Rosario - Argentina

Duas coisas ameaçam o mundo: a ordem e a desordem.

Paul Valéry (1934, p. 20)

Eles praticam um massacre e o chamam de paz.

Tácito (apud Hardt, Negri, 2001)

Os homens que mudaram o mundo nunca o fizeram mudando os dirigentes, mas sempre agitando as massas.

Napoleão Bonaparte (2010, p. 56)

O capitalismo só tem êxito quando começa a ser identificado com o Estado, quando ele próprio é o Estado.

Fernand Braudel (apud Hardt, Negri, 2001, p. 21)

SUMÁRIO

11	INTRODUÇÃO
18	1 QUEM FOI IMMANUEL WALLERSTEIN?
21	2 AS ORIGENS DA ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO
27	3 A ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO
37	4 OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO
46	5 O DECLÍNIO DA HEGEMONIA DOS EUA
51	6 A UTOPÍSTICA
55	7 AS PERSPECTIVAS DO SISTEMA-MUNDO CONTEMPORÂNEO
60	7.1 A crise da Ucrânia
66	CONSIDERAÇÕES FINAIS
68	LIVROS PUBLICADOS NO BRASIL
70	BIBLIOGRAFIA COMPLETA DE I. WALLERSTEIN

73	SITES SOBRE I. WALLERSTEIN E A ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO
75	REFERÊNCIAS
78	REFERÊNCIA DAS IMAGENS
80	SOBRE O AUTOR

INTRODUÇÃO

Continuo acreditando que a análise dos sistemas-mundo é, em primeiro lugar, um protesto contra as formas nas quais a ciência se apresenta atualmente, incluindo aqui o âmbito de sua forma de teorizar.

Immanuel Wallerstein (WALLERSTEIN apud ROJAS, 2007, p. 14)¹

A herança marxista desde o início do século XX sempre colocou o capitalismo como “pronto” para o colapso. Na verdade, as próprias observações de Marx sobre o caráter autofágico do capitalismo e suas incoerências estruturais apontavam (e apontam) para a sua “crise final”, processo inerente ao desenvolvimento do próprio capitalismo. Sobre isso, inclusive, não há dúvidas. Basta uma leitura atenta das obras marxistas e seus inúmeros teóricos para se observar que não se trata de “positivismo” ou “catastrofismo anticapitalista”.

Contudo, a capacidade de superação da burguesia (termo quase esquecido hoje em dia) ou dos investidores (o termo mais moderno) na criação de saídas e/ou “fórmulas” para manter o sistema “saúdável” frente aos seus dilemas estruturais, não pôde ser levada em conta no início da análise do capitalismo enquanto sistema no século XIX. O motivo era óbvio: o capitalismo estava ainda em desenvolvimento.

¹ “Sigo creyendo que el análisis de los sistemas-mundo, es en primer lugar una protesta en contra de las formas en las cuales la ciencia social se presenta actualmente, e incluyendo aquí el ámbito de su modo de teorizar”.

Alguns teóricos foram importantes para a superação positiva da obra de Marx e a compreensão da dinâmica capitalista desde então. Se por um lado Karl Marx (1818-1883) teorizou o capitalismo em sua lógica estrutural e ideológica, coube a Vladimir Lênin (1870-1924) transformar a realidade e não somente interpretá-la, parafraseando uma das teses² de Marx nas *Teses Sobre Feuerbach* (MARX, 1982).

O líder comunista e teórico italiano Antonio Gramsci (1891-1937) também foi um importante colaborador nessa empreitada, fornecendo uma abordagem mais sofisticada para a análise do capitalismo e de sua sociedade³. A pertinência de Gramsci nos dias de hoje é surpreendente e indispensável, impactando as Ciências Sociais de maneira muito intensa.

Compreender e criticar um sistema complexo como o capitalismo é uma tarefa hercúlea, principalmente quando se objetiva fugir do discurso panfletário e/ou ortodoxo e, até mesmo, da sua “perfeição” defendida pelos liberais.

O trabalho intelectual levado a cabo por Immanuel Maurice Wallerstein (1930-2019) é de suma importância para a compreensão da dinâmica capitalista da segunda metade do século XX e sua influência sobre as Ciências

² Trata-se da décima primeira tese: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”.

³ Conceituações teóricas como “revolução passiva”, “hegemonia”, “bloco histórico”, “função piemontesa”, entre outras, fazem parte do léxico gramsciano. Sua influência sobre as Ciências Sociais é considerável.

Sociais. Tal importância é atestada pela influência de seu trabalho em várias áreas do conhecimento humano, da política às relações internacionais.

O objetivo deste livro, reformulado e lançado agora pela Editora da UFPel, é apresentar uma visão panorâmica do pensamento do principal expoente da chamada análise dos sistemas-mundo (ASM), Immanuel Wallerstein, de forma clara e sucinta, agregando as novas realidades e reflexões sobre a última década. Devemos salientar que não é uma tarefa fácil, pois o teórico navegou com facilidade entre as várias áreas do pensamento humano. Esperamos que o nosso propósito seja alcançado de forma integral.

Para atingir esses objetivos, o livro será dividido em cinco partes com o propósito de facilitar a compreensão da obra wallersteiniana. Para entendermos o trajeto intelectual, e consequentemente os objetos de estudo de Immanuel Wallerstein, faremos uma breve resenha de sua biografia.

Em *As origens da análise dos sistemas-mundo*, traçaremos uma visão geral das bases históricas e metodológicas que favoreceram o surgimento da ASM. A crítica à teoria da modernização e as lutas de libertação nacional, ocorridas na África e Ásia no pós-1945, configuraram-se no pano de fundo para a sua emergência.

Na segunda parte, *A análise dos sistemas-mundo*, veremos o arcabouço teórico proposto por Immanuel Wallerstein e suas críticas epistemológicas ao entendimento da nova dinâmica gerada pelo surgimento do Terceiro Mundo e as explicações para o seu atraso econômico e social. Serão, ainda, explicitadas as principais categorias que formam a ASM.

Na terceira parte, *Os ciclos sistêmicos de acumulação*, conheceremos a contribuição de Giovanni Arrighi para a ASM no campo econômico, revelando as influências de Antonio Gramsci e de Nikolai Kondratiev⁴.

A quarta parte desta obra, *O declínio da hegemonia dos EUA*, trata de uma das teses mais polêmicas de Wallerstein. Em seu livro *Decline of american power: the U.S. in a chaotic world*⁵ de 2003, ele já fazia um amplo estudo sobre as origens da crise de hegemonia dos EUA, que, de modo geral, podemos visualizar em vários aspectos da atualidade.

Como já assinalamos, a velha tradição marxista sempre apontou a inevitabilidade da derrocada capitalista. Inúmeros críticos do marxismo constantemente apontam os “resquícios” do positivismo em tais afirmativas. Vale lembrar que a “crença” de um capitalismo perfeito e equilibrado, com uma “mão invisível” regulando com perfeição a dinâmica do sistema, é tão positivista quanto as afirmativas marxistas do seu fim.

A contribuição de Wallerstein para esse tema é justamente a indicação dos motivos do declínio hegemônico estadunidense por meio de um processo altamente complexo com inúmeras variáveis. Ou seja, ele apontou o que seriam os “elos fracos” do capitalismo contemporâneo.

⁴ Economista russo que elaborou, nos anos 1920, os ciclos econômicos que explicariam as crises endêmicas do capitalismo sob uma perspectiva estrutural.

⁵ Edição brasileira: *O declínio do poder americano*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.

A crise econômica mundial de 2008 pareceu corroborar as análises de Wallerstein até o momento. Sem a atuação do “famigerado” Estado, as economias estadunidense e mundial teriam entrado em uma crise tão acentuada que o crack da bolsa de 1929 não se configuraria como algo realmente importante do ponto de vista histórico-econômico para o capitalismo.

A própria pandemia do novo coronavírus, no final de 2019 e durante 2020/2021, assinalou como nunca a importância da atuação do Estado como partícipe no processo econômico. O presidente Donald Trump (2017-2021), por exemplo, despejou bilhões de dólares na economia estadunidense para diminuir os efeitos da recessão econômica. Uma medida inegavelmente keynesiana para o desespero dos liberais que nunca recusam a ajuda do Estado em época de crise.

Outro símbolo importante da crise hegemônica dos EUA é a diminuição cada vez maior de sua capacidade de exercer influência em prol de seus interesses. A própria atuação de Donald Trump frente à China durante o seu mandato, com a “guerra comercial” e ataques à segunda economia do mundo, assinalaram algo além do que um simples conflito por empregos.

Outro exemplo que pode ser mencionado foi a tentativa de isolamento da Rússia após a invasão da Ucrânia em 2022. Vários países se recusaram a participar do isolamento comercial, econômico e político promovido pelos EUA e pela União Europeia (UE), entre eles a China, a Índia e o Brasil. Vale lembrar os múltiplos interesses envolvidos entre esses países, desde aspectos estratégicos (China) até econômicos (a Índia com as

rotas do Colar de Pérolas de Beijing) e falta de clareza da política externa brasileira no governo Bolsonaro.

Em *A utopística*, abordaremos os caminhos e perspectivas para o que está por vir na visão de Wallerstein. De que maneira devemos nos preparar para o que irá ocupar o lugar do capitalismo nesse momento de transição? O que virá depois do capitalismo? Ou o capitalismo sofrerá mais uma metamorfose?

Na última parte, com *As perspectivas do sistema-mundo contemporâneo*, analisamos o atual estágio das relações internacionais à luz do declínio geopolítico dos EUA, passando pela questão ucraniana e da Otan no conflito, no papel do Brics e no que podemos esperar como corolário desta nova realidade.

Uma obra instigante e importante para todos aqueles que querem ficar um “passo à frente” na atualidade. O principal mérito, em nossa opinião, de Immanuel Wallerstein foi a sua atualidade na criação de visões do momento que passa o capitalismo e suas influências sobre a vida de bilhões de pessoas.

Como ficaremos em um cenário de desagregação do atual ciclo de acumulação? Os países ditos “emergentes” terão capacidade de ocupar o lugar das nações que compõem o atual ciclo de acumulação no novo ciclo que virá? O Brics é uma nova perspectiva? E os EUA? A sua “derrocada” é inevitável ou o sistema se adaptará mais uma vez e superará a sua atual crise?

Muitas perguntas. Respostas certamente existem, mas não dentro do senso comum difundido em jornais e revistas, ou por acadêmicos que criam e/ou reproduzem análises que vão ao encontro dos interesses das

grandes corporações internacionais ou das instituições de ensino vinculadas ao processo de manutenção sistêmico. Wallerstein propôs algumas análises. Por que não as conhecer?

1 QUEM FOI IMMANUEL WALLERSTEIN?

Formado em Sociologia, nasceu em Nova Iorque (EUA) em 28 de setembro de 1930. Wallerstein obteve toda a sua formação acadêmica na Universidade de Columbia (Nova Iorque). Em 1947, iniciou o curso de Sociologia na Universidade Columbia e, ao mesmo tempo, sua militância política.

Começou a sua carreira ainda em Nova Iorque, o epicentro do capitalismo mundial, onde encontrou o solo fértil e as condições de liberdades intelectuais e financeiras para desenvolver as suas ideias; assim como seus colegas Robert Cox (1926-2018), ligado à York University em Toronto, Canadá, e Giovanni Arrighi, na Jonh Hopkins.

Em 1951, formou-se e publicou seu primeiro artigo, *Revolution and order*, no qual discutia como um possível governo mundial trataria as revoluções em curso no mundo e os problemas que as motivavam (VIEIRA, 2021, p. 136). Em 1953, retornou à Universidade de Columbia para escrever sua dissertação de mestrado, aprovada em 1954 com o título *McCarthyism and the Conservative* (VIEIRA, 2021).

Seu doutorado foi concluído em 1959; lecionou na Universidade até o início dos anos 1970. Ensinou Sociologia na Universidade McGill, no Canadá, até 1976. Entre 1976 e 1996 trabalhou na Universidade de

Binghamton, Nova Iorque. Foi professor visitante em várias universidades do mundo e desde 2000 era pesquisador sênior na Universidade de Yale (EUA), onde trabalhou até sua morte, em 2019 (GENZLINGER, 2019, online).

O trabalho de Wallerstein direcionou-se inicialmente para os temas africanos pós-coloniais⁶. Em sua juventude, havia se aproximado da África por meio de dois congressos em 1951 e 1952, sendo o segundo em Dacar (Senegal), onde teve contato com os movimentos de independência. Seu foco de estudo estaria definido a partir de então (VIEIRA, 2021, online). Após a defesa de sua tese, *The role of voluntary associations in the nationalist movements in Ghana and the Ivory Coast*, tornou-se um africanista reconhecido.

No início dos anos 1970, o teórico deslocou o seu interesse pela África para a história e a dinâmica da economia mundial, tendo sido reconhecido internacionalmente. Wallerstein foi diretor do Fernand Braudel Center até 2005, e em várias ocasiões atuou na renomada École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Na década de 1990 liderou a Gulbenkian Commission para a Reestruturação das Ciências Sociais e, entre 1994 e 1998, foi presidente da International Sociological Association⁷.

Além de títulos honoríficos por diversas universidades ao redor do mundo, vale mencionar o título de

⁶ Ao final do livro o leitor encontrará uma lista completa dos livros publicados por Wallerstein em português (Brasil) e em inglês.

⁷ <https://iwallerstein.com/>

Doutor *Honoris Causa* oferecido em 2009 no Brasil pela Universidade de Brasília.

Figura 1 – Immanuel Wallerstein na European University, São Petersburgo, 2008



Fonte: KOUPRIANOV, 2008 – CC BY-SA 3.0 – disponível no repositório digital da Wikimedia Commons.

2 AS ORIGENS DA ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO

O capitalismo representa a recompensa material para alguns, mas para que isto possa acontecer nunca pode haver recompensa material para todos.

Immanuel Wallerstein (2002, p. 174-175)

A ASM surgiu da crítica ao modelo de análise social e econômico utilizado pelas Ciências Sociais (Europa) desde o século XIX. Do final do século XIX até 1970, as Ciências Sociais consistiam em uma série de disciplinas específicas com maior ou menor aceitação de suas fronteiras sob o ponto de vista epistemológico.

Entre 1850 e 1945, as clivagens intelectuais mais importantes entre os acadêmicos desde o século XIX eram: o passado/presente e o mundo Ocidental/resto do mundo. Dentro dessa lógica, os historiadores estudavam o passado e os economistas, cientistas políticos e sociólogos estudavam o presente.

A História, a Economia, a Ciência Política e a Sociologia estavam voltadas para o mundo ocidental, enquanto os “orientalistas” e antropólogos estudavam o “resto do mundo”⁸. Até 1945, as fronteiras entre essas disciplinas eram bem delimitadas. No pós-guerra, segundo Wallerstein, esse modelo não conseguiu dar

⁸ Os antropólogos estudavam as sociedades “primitivas” e os orientalistas estudavam as “grandes civilizações” não ocidentais.

conta da nova realidade surgida com o processo de lutas de independência na África e na Ásia.

Sob ataque, o modelo vigente de análise das Ciências Sociais começou a enfraquecer. Para Wallerstein, “a maior mudança na ciência social mundial nos 25 anos após 1945 foi a descoberta da realidade contemporânea do Terceiro Mundo” (2002, p. 231). Como consequência, as pesquisas do mundo ocidental (Europa) foram divididas em três domínios em função da nova configuração do mundo moderno: o mercado (Economia), o Estado (Ciência Política) e a sociedade civil (Sociologia).

Como salientamos, um novo contexto se abriu no pós-1945 com as lutas pela independência. Inúmeras nações foram influenciadas pela proposta socialista, principalmente pelo exemplo bem-sucedido da Revolução Russa, com a República Popular da China adotando inicialmente o seu modelo.

As ex-colônias trataram de defender sua autonomia política e cultural no bojo das lutas de libertação nacional e em eventos internacionais como, por exemplo, a Conferência de Bandung⁹ em 1955. Tratava-se de um processo de reafirmação e/ou autoafirmação perante o mundo ocidental. As novas nações que *a priori* não deviam mais satisfações aos colonizadores estavam em pleno processo de “tomar as rédeas” de seus destinos.

⁹ A conferência reuniu inúmeros países do então Terceiro Mundo que não aceitavam a bipolaridade entre EUA/URSS como forma de divisão do sistema internacional.

Figura 2 - Sessão plenária na Conferência de Bandung (1955)



Fonte: Ministério das Relações Exteriores da Indonésia, 1955.

A perspectiva epistemológica de disciplinas específicas para os países ricos (metrópoles) e de outras para o “resto do mundo” entrou em declínio e a integração passou a ser necessária. A partir de então, o estudo sobre América Latina, Ásia ou África tornou-se legítimo.

O fim do poder metropolitano trouxe à tona uma triste realidade para as ex-colônias, demonstrando o real caráter do sistema capitalista como um todo. A ideia de que a ocupação europeia seria “benéfica” para os povos “atrasados” da África e Ásia não se mostrou verdadeira. Pelo contrário. O que se verificou foi um resultado nefasto da “civilização” sobre os povos “atrasados”, principalmente na África. Todas as imagens de guerras, miséria e epidemias, que eram comuns na segunda metade do século XX, tiveram/têm em seu bojo

a trama criada pelos colonizadores europeus em suas formas econômicas e/ou sociais.

Com esse cenário, os movimentos políticos pós-coloniais optaram por outro modelo que não fosse o do colonizador, daí a vitória da proposta socialista e terceiro-mundista entre asiáticos e africanos.

Como forma de fugir da responsabilidade desse legado, alguns setores da academia vinculados ao capitalismo/colonialismo elaboraram teorias que justificassem o “atraso” das ex-colônias e, ao mesmo tempo, “resgatassem” a dimensão benéfica do capitalismo enquanto sistema organizador socioeconômico. A ideia do desenvolvimento em etapas, um processo evolutivo, tornou-se a grande “moda” no pós-guerra.

O desenvolvimento econômico (algo inevitável, pela lógica dos seus defensores) para a solução das mazelas econômicas e sociais das ex-colônias ganhou força no meio acadêmico ocidental oferecendo, ao mesmo tempo, uma “perspectiva” teórica de melhoria para as novas nações. A “culpa” do atraso social e econômico não seria mais a exploração econômica das antigas metrópoles ou do capitalismo enquanto sistema, mas sim do “baixo” desenvolvimento das próprias colônias.

Surgia, assim, a teoria da modernização (TM) cujo método de análise era a comparação sistemática entre todos os Estados. A TM partia da premissa de um desenvolvimento linear e universal de todas as sociedades na direção do crescimento econômico. Desse modo, todas as ex-colônias chegariam inevitavelmente ao desenvolvimento copiando os “modelos de sucesso” das antigas metrópoles, independentemente da parte

em que as ex-colônias estavam inseridas na estrutura sistêmica do capitalismo (WALLERSTEIN, 2002)¹⁰.

A TM era perfeita para explicar o resultado não muito favorável da exploração colonial desde o século XIX. Na verdade, o que se propunha agora era um “choque” capitalista para as ex-colônias que haviam sofrido com o próprio capitalismo.

É na direção oposta que a ASM se apresentou como uma perspectiva teórica para compreender e explicar a nova realidade do momento. Mais precisamente, “se a análise de sistemas-mundo tomou forma nos anos [19]70, foi porque as condições do seu surgimento estavam maduras no interior do sistema-mundo” (WALLERSTEIN, 2002, p. 231). Continuando, Wallerstein afirma que a “intenção original da análise dos sistemas-mundo [era] o protesto contra a teoria da modernização [...]” (2002b, p. 234). Finalizando, ele argumenta que

[...] é no ponto que a análise de sistemas-mundo se apresenta como um movimento de conhecimento que fez uma série de argumentos que pôs em causa a teoria da modernização e depois, mais fundamentalmente, toda a estrutura das ciências sociais como tinham sido construídos no século XIX (WALLERSTEIN, 2004, p. 4)¹¹.

¹⁰ Para um aprofundamento do desenvolvimentismo e seus resultados, ver o artigo *Geocultura do desenvolvimento, ou transformação da nossa geocultura*.

¹¹ “It is at point that world-systems analysis presented itself as a knowledge movement that made a series of arguments which called into question first modernization theory and then, more fundamentally, the whole structure of the social sciences as they had been constructed in the nineteenth century”.

O cenário para a formulação de respostas ao *status quo* pós-colonial estava formado.

3 A ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO

É por essa razão que sempre resisti a usar o termo “teoria dos sistemas-mundo”, frequentemente empregado para descrever o que estamos discutindo, especialmente por não especialistas, e tenho insistido em chamar nosso trabalho de “análise de sistemas-mundo”.

Immanuel Wallerstein, 2002, p. 231.

No capítulo anterior, observamos as contradições sistêmicas que permitiram o surgimento da ASM. Apesar de ser considerado como uma das principais figuras da ASM, Immanuel Wallerstein não esteve só. Figuram ao seu lado André Gunder Frank (1929-2005), Samir Amin (1931-2018) e Oliver C. Cox (1901-1974). Oliver Cox seria um dos pais fundadores da ASM (SWEEZY apud WALLERSTEIN, 2017, p. 179). Wallerstein apontou o papel fundamental de Cox na perspectiva dos sistemas-mundo, destacando que ele havia escrito dez anos sobre os vários aspectos importantes do capitalismo histórico (SWEEZY apud WALLERSTEIN, 2017, p. 179). Segundo Wallerstein, Cox havia proposto cinco pontos essenciais para a futura perspectiva analítica da ASM. Eram eles:

1. O capitalismo não é meramente um sistema; é um sistema-mundo;

2. O capitalismo opera como uma economia-mundo capitalista, baseado na acumulação sem fim do capital;
3. Há uma divisão do trabalho axial na economia-mundo capitalista, baseada na antinomia centro-periferia;
4. Inevitavelmente ocorreu uma mudança constante na localização dos Estados centrais no sistema;
5. O capitalismo não foi inventado múltiplas vezes, mas somente uma (SWEEZY apud WALLERSTEIN, 2017, p. 179).

Segundo Wallerstein, Cox estava correto e expôs as ideias básicas da ASM nas décadas de 1950 e 1960 (SWEEZY apud WALLERSTEIN, 2017, p. 179). Para ele, Cox seria realmente o “pai-fundador” da ASM. Em seu livro *The World-System and Africa* (2017), na verdade uma coletânea de artigos publicados entre 1985 e 2009, Wallerstein dedica o capítulo *Oliver C. Cox as world-system analyst* para ressaltar a importância do sociólogo trinitadiano para a ASM. Segundo ele, “Acho que o leitor verá claramente agora como o modo de análise do capitalismo de Cox está em consonância com o que veio a ser chamado de análise do sistema-mundo” (SWEEZY apud WALLERSTEIN, 2017, p. 190).

Além das próprias observações de Immanuel Wallerstein e da contribuição de Oliver C. Cox, a ASM possui três influências importantes na sua constituição: a escola dos Annales, o marxismo e a teoria da dependência (VELA, 2001, p. 3). Da primeira, “Wallerstein tomou de Braudel a sua insistência na longa duração

(*longue durée*). [...] O impacto dos Annales está no nível metodológico geral” (VELA, 2001, p. 3)¹².

A contribuição dos Annales por meio da *longue durée* (longa duração) ajudaria na compreensão do “sistema-mundo” como um “sistema-histórico” que possuiria um “ciclo” de vida: a ascensão e a decadência. Sendo assim, existiria um processo dinâmico e dialético que permitiria a existência de um sistema-mundo que seria substituído por outro, ocorrendo, assim, períodos de transições (WALLERSTEIN, 2006, p. 306). De Marx,

Wallerstein aprendeu que (1) a realidade fundamental está materialmente baseada no conflito social entre os grupos humanos, (2) a preocupação relevante com a totalidade, (3) a natureza transitória das formas sociais e teóricas sobre elas, (4) a centralidade do processo de acumulação e da competitividade da luta de classes resulta dela, (5) um senso dialético do movimento através do conflito e da contradição (VELA, 2001, p. 3)¹³.

29

A teoria da dependência,

inspira-se fortemente da teoria da dependência, uma explicação neomarxista dos processos de desenvolvimento, popular no mundo em desen-

¹² Wallerstein got from Braudel's his insistence on the long term (*la longue durée*). (...) The impact of the Annales is at the general methodological level”.

¹³ “Wallerstein learned that (1) the fundamental reality if social conflict among materially based human groups, (2) the concern with a relevant totality, (3) the transitory nature of social forms and theories about them, (4) the centrality of the accumulation process and competitive class struggles that result from it, (5) a dialectical sense of motion through conflict and contradiction”.

volvimento [...] A teoria da dependência concentra-se na compreensão da “periferia”, olhando para as relações centro-periferia (VELA, 2001, p. 3)¹⁴.

Os economistas Karl Polanyi (1886-1964) e Joseph Schumpeter (1883-1950) também forneceram importantes observações para os trabalhos de Wallerstein. Para alguns analistas, a ASM seria de alguma maneira uma adaptação da TD por apresentar uma explicação do processo de desenvolvimento econômico atrelado à dinâmica Centro (países ricos), Periferia e Semi-Periferia (países subdesenvolvidos) (VELA, 2001, p. 3).

Figura 3 - O economista húngaro Karl Polanyi



30

Fonte: Autor desconhecido, 2019 – CC-PD 1.0 – disponível no repositório digital da Wikimedia Commons.

¹⁴ “draws heavily from dependency theory, a neo-Marxist explanation of development processes, popular in the developing world [...] Dependency theory focuses on understanding the ‘periphery’ by looking at core-periphery relations [...]”.

Nesse processo, os países pobres levariam desvantagens qualitativas nos termos de troca entre produtos de pouco valor agregado (matérias-primas, por exemplo) por produtos de alto valor agregado (industrializados) das nações mais desenvolvidas (Centro) dentro do sistema-mundo capitalista. O desnível tecnológico entre as nações seria o ponto central no processo de atraso econômico e social e na manutenção desse *status quo*.

Sob tais influências, Wallerstein construiu uma importante análise de interpretação da realidade capitalista nos últimos 45 anos. Como já vimos, o teórico refutava a ideia de ter construído uma “teoria dos sistemas-mundo”.

Segundo ele,

[...] sempre resisti a usar o termo “teoria dos sistemas-mundo”, frequentemente empregado para descrever o que estamos discutindo, especialmente por não especialistas, e tenho insistido em chamar nosso trabalho de “análise de sistemas-mundo”. É cedo demais para teorizar de maneira minimamente séria, e quando chegarmos ao ponto de fazê-lo é a ciência social e não os sistemas-mundo que devemos teorizar. Vejo o trabalho dos últimos 20 anos e de alguns anos adiante como limpeza de terreno que nos permitirá construir uma estrutura útil para a ciência social (WALLERSTEIN, 2002, p. 231).

31

Como já assinalamos, a ASM surgiu como um movimento de conhecimento que fez uma série de argumentos que puseram em xeque a TM e depois, mais fundamentalmente, toda a estrutura das Ciências Sociais como tinha sido construída desde o século XIX.

Para Wallerstein, a ASM deveria conter três eixos:

1. O sistema-mundo (não os Estados-Nação) é a unidade básica de análise social;
2. Nem as epistemologias idiográficas¹⁵ e nomotéticas¹⁶ são úteis para análise da realidade social e
3. A existência de limites das disciplinas dentro das Ciências Sociais não faz qualquer tipo de sentido intelectual.

Wallerstein definia o sistema-mundo como “[uma] divisão territorial do trabalho multicultural na qual as produções e intercâmbio de bens básicos e matérias-primas é necessária para a vida de seus habitantes todos os dias” (VELA, 2001, p. 4)¹⁷. Um detalhe importante sempre mencionado pelos críticos da ASM é a dicotomia macro/micro, local/nacional.

Para Wallerstein isso seria uma falsa polêmica, pois delimitar se as fronteiras sociais correspondem ao sistema-mundo ou às Nações-Estado é o menos importante. Para o sociólogo estadunidense, a real novidade é que a perspectiva dos sistemas-mundo nega que a “Nação-Es-

¹⁵ Corresponderiam, grosso modo, às Ciências Humanas/Sociais, cuja metodologia não estaria necessariamente vinculada à criação de leis gerais de grande envergadura explicativa como os eventos que ocorrem no universo.

¹⁶ Estabelecem leis gerais para fenômenos suscetíveis serem reproduzidos para a compreensão do universo. De modo geral, corresponderiam às Ciências Exatas.

¹⁷ “multicultural territorial division of labor in which the productions and exchange of basic goods and raw materials is necessary for the everyday life of its inhabitants”

tado” represente em algum sentido uma “sociedade” relativamente autônoma que se “desenvolve” ao longo do tempo (WALLERSTEIN, 2002, p. 306).

O capitalismo é compreendido como o moderno sistema social, uma economia-mundo, que possui inúmeros centros políticos (Estados), que disputam a hegemonia do sistema. Na ASM a definição da hegemonia estaria acoplada aos Ciclos Sistêmicos de Acumulação¹⁸. Para Rojas, a obra de Wallerstein segue quatro eixos importantes: o *histórico-crítico*, a *análise crítica*, o *estudo da história mais imediata* e a *reflexão epistemológica crítica* (ROJAS, 2007, p. 15-20).

O eixo *histórico-crítico* corresponde à análise da história global do capitalismo desde o século XVI até os dias de hoje. A *análise crítica* refere-se à elucidação dos principais processos do que seria o “longo século XX” e todas as contradições sistêmicas.

No *estudo da história mais imediata* Wallerstein traça projeções do futuro do sistema capitalista enquanto sistema-mundo. O quarto e último eixo da abordagem wallersteiniana é a *reflexão epistemológica crítica*. Nessa etapa é feita uma reavaliação crítica das Ciências Sociais e do saber dominante na economia-mundo capitalista.

O trajeto para a construção da ASM teve início em 1974, quando Wallerstein publicou *The rise and future demise of the world capitalist system: concepts for comparative analysis*, importante contribuição para os estudos históricos e sociológicos. O objetivo de Wallerstein era, segundo Skopcol, “uma clara ruptura conceitual

¹⁸ Veremos esse tema no próximo capítulo.

com as teorias de ‘modernização’ e, assim, fornecer um novo paradigma teórico para orientar as nossas investigações acerca do surgimento e desenvolvimento do capitalismo, o industrialismo, e os estados nacionais” (SKOPCOL apud VELA, 2001, p. 2)¹⁹.

Carlos A. Martinez Vela assinala que o objetivo era fazer uma crítica ampla aos paradigmas vigentes no período:

As críticas à modernização incluem (1) a reificação do Estado-nação como a única unidade de análise, (2) pressuposto de que todos os países podem seguir apenas um caminho único de desenvolvimento evolutivo, (3) desconsideração do desenvolvimento histórico-mundial da transnacional estrutura que condiciona o desenvolvimento local e nacional, (4) explicando em termos de tipos ideais história da “tradição” versus “modernidade”, que são elaboradas e aplicadas a casos nacionais (VELA, 2001, p. 2)²⁰.

34

Dois anos depois, Wallerstein publicou *The modern world system: capitalist agriculture and the*

¹⁹ “a clear conceptual break with theories of ‘modernization’ and thus provide a new theoretical paradigm to guide our investigations of the emergence and development of capitalism, industrialism, and national states”.

²⁰ “Criticisms to modernization include (1) the reification of the nation-state as the sole unit of analysis, (2) assumption that all countries can follow only a single path of evolutionary development, (3) disregard of the world-historical development of transnational structures that constrain local and national development, (4) explaining in terms of ahistorical ideal types of ‘tradition’ versus ‘modernity’, which are elaborated and applied to national cases”.

origins of the european world economy in the sixteenth century, sua *magnum opus*. Em *The modern world system*, Wallerstein teve como objetivo desenvolver um quadro teórico que permitisse a compreensão das mudanças históricas envolvidas na ascensão do mundo moderno.

Para Wallerstein, o moderno sistema-mundo (capitalista) poderia ser explicado pela crise do sistema feudal e a ascensão da Europa Ocidental à supremacia mundial entre 1450 e 1670. Tal perspectiva facilitaria o entendimento do processo de modernização no período assinalado, proporcionando comparações entre partes do mundo diferentes. Wallerstein explica que

Um sistema-mundo não é o sistema do mundo, mas um sistema que é um mundo e que pode ser, e frequentemente tem sido localizado numa área menor que o globo inteiro. Uma análise de sistemas mundiais argumenta que as unidades da realidade social dentro das quais nós operamos, cujas regras nos restringem, são na maioria tais sistemas-mundos (WALLERSTEIN apud VOIGT, 2007, p. 110).

35

O teórico apontava, ainda, a existência de dois tipos de sistemas-mundo: (1) os impérios mundiais e as (2) economias-mundos. A diferenciação entre os dois tipos de sistemas-mundo se daria pelo fato de os Impérios mundiais terem sido ou serem uma grande estrutura burocrática com centralização política e uma divisão de trabalho central, coexistindo culturas múltiplas. A economia-mundo, ao contrário, se caracterizaria por uma grande divisão central do trabalho, inúmeros centros políticos mantendo a coexistência de múltiplas culturas.

O atual moderno sistema mundial teria sido formado no século XVI, na Europa, expandindo-se pelo globo até o século XX:

O mundo no qual nós estamos inseridos agora, ou seja, o sistema mundial moderno, teve suas origens no século XVI. Este sistema mundial foi então localizado em somente uma parte do globo, principalmente em regiões da Europa e das Américas. Ele se expandiu ao longo dos anos e atingiu todo o globo. É, e sempre foi, uma economia-mundo. É, e sempre foi, uma economia-mundo capitalista (WALLERSTEIN apud VOIGT, 2007, p. 111).

4 OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO

A noção de ciclo sistêmico de acumulação, como observamos, deriva diretamente da ideia braudeliana do capitalismo como camada superior da hierarquia do mundo dos negócios. Nosso constructo analítico, portanto, concentra-se nessa camada superior e fornece uma visão limitada do que se passa na camada intermediária, a da economia de mercado, e na camada inferior, a da vida material. Esse é, simultaneamente, o ponto forte e o ponto fraco do constructo. É seu ponto forte porque a camada superior é o “verdadeiro lar do capitalismo” e, ao mesmo tempo, é menos transparente e menos explorada do que a camada intermediária, a da economia de mercado.

Giovanni Arrighi (1996, p. 24)

Outro importante teórico para construção da ASM foi o economista italiano radicado nos EUA, Giovanni Arrighi²¹ (1937-2009). Com o seu livro *O longo século XX*²², entre outras obras, forneceu importante colaboração.

²¹ Foi professor de Sociologia na Universidade Estadual de Nova Iorque (Binghamton) e na Universidade Johns Hopkins (EUA).

²² Ao lado do livro *O longo século XX* vale a pena ler os livros *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial* (em coautoria com Beverly Silver) e *Adam Smith em Pequim*. Os três livros analisam o capitalismo histórico sendo uma importante contribuição para a ASM.

A sua contribuição ocorreu na análise da hegemonia dos EUA sob inspiração gramsciana e nos ciclos de acumulação capitalista. Arrighi era adepto, tal como Wallerstein, dos Ciclos de Kondratiev, elaboração teórica do economista russo Nikolai Kondratiev (1898-1932) na década de 1920. A tese do economista russo para o capitalismo, analisando o desenvolvimento do capitalismo do século XIX, era de que o seu desenvolvimento se baseava em ciclos.

Um ciclo de Kondratiev teria um período de duração determinada de 40 a 60 anos que corresponderia aproximadamente ao retorno de um mesmo fenômeno. Esse ciclo apresenta duas fases distintas: uma fase ascendente (*fase A*) e uma fase descendente (*fase B*). Essas flutuações de longo prazo seriam características da economia capitalista.

A primeira referência de Kondratiev aos ciclos prolongados ocorreu em seu livro *A economia mundial e sua conjuntura durante e depois da guerra* (1922). Para ele, a natureza particularmente aguda da crise do pós-guerra (Primeira Guerra Mundial) se explicava pelo ponto de mudança no ciclo prolongado e o começo de sua fase descendente. Em 1926, Kondratiev apresentou, na sua obra *As ondas longas da conjuntura*, a hipótese da existência de ciclos longos²³.

²³ Kondratiev fez sua base na análise de séries cronológicas de preços no atacado, de 1790 a 1920, das potências capitalistas no período: Estados Unidos, da França e do Reino Unido.

Figura 4 - O economista russo Nikolai Kondratiev



Fonte: Autor desconhecido, 2018 – Domínio Público – disponível no repositório digital da Wikimedia Commons.

Partindo de curvas empíricas, Kondratiev elaborou curvas teóricas que, a seu ver, mostravam tendências seculares. Considerou ter encontrado dois ciclos longos e meio entre 1780 e 1920, iniciando a fase descendente do terceiro ciclo.

Segundo Kondratiev, a base dos ciclos longos é o desgaste, a reposição e o incremento do fundo de bens de capital básicos, cuja produção exigiria investimentos enormes. A reposição e o incremento desse fundo não

seriam um processo contínuo e aconteceriam por saltos. Os ciclos econômicos ocorreriam a partir desses fatos.

Sob inspiração dos Ciclos de Kondratiev, para Arrighi, o sistema capitalista teria passado por quatro ciclos sistêmicos de acumulação e expansão: genovês, holandês, britânico e estadunidense. Os ciclos sistêmicos de acumulação de capital constituem uma cadeia de estágios parcialmente superpostos, por meio dos quais a economia capitalista europeia transformou a economia mundial em um intenso sistema de trocas.

A superposição desses ciclos ocorre na passagem de um para o outro, ou seja, enquanto um ciclo está se aproximando do seu término, ao mesmo tempo, outro ciclo sistêmico de acumulação começa a se formar. Essa fase de superposição ocorre durante a chamada turbulência financeira do ciclo que está chegando ao fim²⁴.

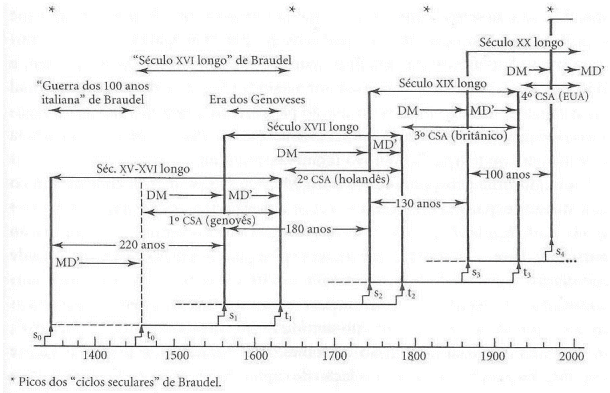
40

²⁴ "O aspecto principal do perfil temporal do capitalismo histórico aqui esquematizado é a estrutura semelhante de todos os séculos longos. Todos esses constructos consistem em três segmentos ou períodos distintos: (1) um primeiro período de expansão financeira (que se estende de S_{n-1} a T_{n-1}), no correr do qual o novo regime de acumulação se desenvolve dentro do antigo, sendo seu desenvolvimento um aspecto integrante da plena expansão e das contradições deste último; (2) um período de consolidação e desenvolvimento adicional do novo regime de acumulação (que vai de T_{n-1} a S_n), no decorrer do qual seus agentes principais promovem, monitoram e se beneficiam da expansão material de toda a economia mundial; e (3) um segundo período de expansão financeira (de S_n a T_n), no decorrer do qual as contradições do regime de acumulação plenamente desenvolvido criam espaço para o surgimento de regimes concorrentes e alternativos, um dos quais acaba por se tornar (no tempo T_n) o novo regime dominante" (ARRIGHI, 1996, p. 219-220).

Desse modo, as grandes expansões materiais e financeiras ocorreriam quando um bloco dominante tivesse acúmulo suficiente para dominar o sistema mundial que, ao chegar ao seu término, provocaria a mudança de poder hegemônico. Quando isso ocorre, um novo ciclo sistêmico de acumulação tem início.

Arrighi corroborou que a contribuição mais importante e perene para o desenvolvimento do capitalismo como sistema mundial encontra-se no âmbito das altas finanças, durante o Renascimento italiano do final do século XIV e início do século XV, que é o período do seu surgimento.

Figura 5 – Ciclos Sistêmicos de Acumulação



Fonte: ARRIGHI, 1996, p. 219.

O primeiro ciclo sistêmico, o genovês, de acordo com Arrighi, é derivado de Fernand Braudel: “a matu-

ridade de todos os grandes desenvolvimentos da economia capitalista mundial é anunciada por uma guinada peculiar do comércio de mercadorias para o comércio de moedas” (ARRIGHI, 1996, p. 111). O capitalismo financeiro genovês desenvolveu-se na segunda metade do séc. XVI. Segundo Arrighi,

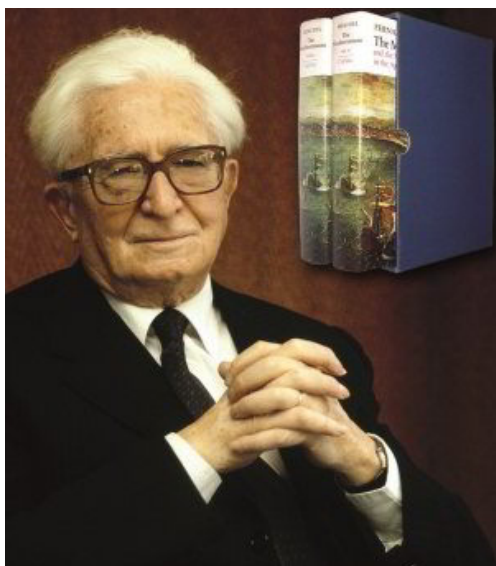
À medida que se intensificaram as pressões competitivas e que houve uma escalada na luta pelo poder, o capital excedente, que já não encontrava investimentos lucrativos no comércio, foi mantido em estado de liquidez e usado para financiar a crescente dívida pública das cidades-Estados, cujo patrimônio e receita futura foram assim mais completamente alienados do que nunca a suas respectivas classes capitalistas (ARRIGHI, 1996, p. 112).

O ciclo de acumulação genovês foi o ponto máximo de acumulação de capital sob uma perspectiva sistêmica e estruturada:

[...] uma grande expansão material da economia mundial europeia, através do estabelecimento de novas rotas de comércio e da incorporação de novas áreas de exploração comercial, foi acompanhada por uma expansão financeira que acentuou o controle de capital sobre uma economia mundial ampliada. Além disso, uma classe capitalista claramente identificável (a genovesa) incentivou, supervisionou e se beneficiou das duas expansões, em virtude de uma estrutura de acumulação de capital que, em sua maior parte, já passara a existir quando a expansão material teve início (ARRIGHI, 1996, p. 129-130).

Para Arrighi, esse padrão seria o “ciclo sistêmico de acumulação”. Os capitalistas genoveses seriam os precursores no século XVI, fato que ocorreria mais três vezes.

Figura 6 - O historiador francês Fernand Braudel



Fonte: Confins, Revista Franco-Brasileira de Geografia, 2014, online.

No ciclo holandês, a sua supremacia comercial baseava-se em uma lógica capitalista de poder (representada pela fórmula Dinheiro-Trabalho-Dinheiro’), enquanto a supremacia comercial posterior, a inglesa, que se iniciou nos primórdios do século XVIII, baseava-se em uma síntese harmônica entre a lógica territo-

rialista de poder (T-D-T') e a capitalista (D-T-D'). Essa síntese foi o fator fundamental para o regime inglês ter alcançado um ciclo sistêmico de acumulação muito mais avançado do que o holandês (ARRIGHI, 1996, p. 204).

O ciclo britânico caracterizou-se por processo contínuo de expansão, reestruturação e reorganização financeira da economia mundial capitalista. Os períodos de expansão financeira foram momentos em que aumentaram as pressões competitivas tanto sobre os governos quanto empresas e comércio. Essas pressões favoreceram a expansão industrial inglesa, que se manteve na supremacia econômica mundial até o início do século XX.

O ciclo estadunidense seria a expansão do moderno sistema mundial que ocorreu durante quase todo o século XX e entrou em crise na década de 70 do século passado. Segundo Arrighi, utilizando agora as reflexões de Antonio Gramsci, a crise hegemônica é um componente importante para o fim do ciclo de acumulação:

O conceito de "hegemonia mundial" [...] refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento. Historicamente, entretanto, o governo de um sistema de Estados soberanos sempre implicou algum tipo de ação transformadora, que alterou fundamentalmente o modo de funcionamento do sistema (ARRIGHI, 1996, p. 27).

Figura 7 - Antonio Gramsci no início da década de 1920



Fonte: Autor desconhecido, 2007 – Domínio Público – disponível no repositório digital da Wikimedia Commons.

45

Estaríamos, portanto, vivendo a crise do ciclo sistêmico de acumulação, fato que favoreceria ao surgimento de novas perspectivas antissistêmicas para a superação da atual fase. Conforme assinala Wallerstein:

Estamos passando por uma transição em nosso atual sistema mundial, a economia mundial capitalista estará se transformando em um outro sistema – ou em outros sistemas – mundiais. Não sabemos se essa mudança será para melhor ou para pior. E não saberemos até que cheguemos lá, um processo que pode demorar ainda uns 50 anos a partir do momento em que estamos. Sabemos, no entanto, que o período de transição será um período difícil para todos os que vivenciarem (WALLERSTEIN, 2003, p. 49).

5 O DECLÍNIO DA HEGEMONIA DOS EUA

Os Estados Unidos estão em declínio? Quando se afirma isto, a maior parte das pessoas não acredita. Sim, os únicos que acham que a ideia é pertinente são os falcões americanos, cujo principal argumento é a necessidade de reverter o declínio.

Immanuel Wallerstein (2002, p. 9)

Apesar da vitória sobre a URSS, fato que provocou várias celebrações sobre a “Nova Ordem” que se abria para sistema internacional, ou seja, uma era de paz e prosperidade capitalista (*Pax Americana*), a realidade se mostrou bem diferente no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. A crise econômica global de 2008, o retorno da Rússia ao palco global geopolítico, a China assumindo protagonismo econômico e geopolítico, o programa nuclear do Irã e a Coreia do Norte como potência nuclear, entre outros fatos, demonstram que o cenário é muito diferente da Guerra Fria.

Os EUA não se configuram mais como um modelo a ser seguido ou conseguem impor seus interesses de maneira tão contundente como antes. George W. Bush (2001-2009) e Donald Trump (2017-2021) foram atores importantes para esse enfraquecimento que começou algumas décadas antes. Para Wallerstein, o declínio dos EUA começou na década de 1970 e decorre de

uma lógica simples, *a priori*, como ele mesmo assinala: “os fatores econômicos, políticos e militares que contribuíram para a hegemonia dos EUA são os mesmos fatores que produzirão o iminente declínio dos EUA” (WALLERSTEIN, 2004, p. 21).

Historicamente a hegemonia dos EUA teve início com a recessão mundial de 1873, quando a sua economia cresceu acentuadamente ao mesmo tempo em que a economia britânica entrava em uma inflexão. No período entre 1873 e 1914, os EUA e a Alemanha tornaram-se os principais produtores de aço e produtos químicos.

A busca pela hegemonia tornou-se um processo natural. A Segunda Guerra Mundial proporcionou uma posição privilegiada para os EUA que não sofreram diretamente os efeitos do conflito. Seu território não sofreu nenhum dano em termos físico-estruturais, ao contrário da Europa e da Ásia. Com a derrota do nazismo, o socialismo tornou-se o principal obstáculo à hegemonia dos EUA em termos globais.

Se por um lado os soviéticos colaboraram decisivamente para o sucesso da vitória dos Aliados, sob o ponto de vista ideológico, o Kremlin conseguiu uma posição privilegiada ao projetar para o mundo uma imagem de nação com grande força militar e defensora dos valores universais de igualdade. Ao mesmo tempo, ocorreu a expansão de sua influência política sobre o Leste Europeu por meio da formação de “Estados-satélites”. Na Ásia, os EUA também tiveram alguns reveses: a vitória de Mao Zedong (1893-1976) na China (1949), a divisão das Coreias (1953) e a unificação do Vietnã (1976) sob a liderança de Ho-Chi Min (1890-1969).

Apesar dos “problemas” verificados na região, a atuação dos EUA na reconstrução do Japão, a partir dos anos 1950, permitiu aos estadunidenses encontrar “brechas ideológicas” importantes para manter o comunismo longe dos seus aliados. O Japão tornou-se uma “vitrine” do capitalismo na Ásia, demonstrando com o decorrer do tempo como a economia de mercado era um “modelo de sucesso” a ser seguido e/ou copiado.

Segundo Wallerstein, o sucesso dos EUA no Pós-guerra como potência hegemônica é que provocou o início de sua própria decadência:

O sucesso dos EUA como potência hegemônica no período do pós-guerra criou as condições para que a sua própria hegemonia fosse minada. Este processo pode ser capturado em quatro símbolos: a guerra do Vietnã, as revoluções de 1968, a queda do Muro de Berlim em 1989 e os ataques terroristas de setembro de 2001. Cada símbolo acresce ao anterior, culminando na situação em que os EUA se encontram hoje: uma superpotência solitária à qual falta um verdadeiro poder, um líder mundial que ninguém segue e poucos respeitam, e uma nação perigosamente à deriva, imersa em um caos global que não pode controlar (WALLERSTEIN, 2004, p. 25).

48

Os quatro eventos apontados por Wallerstein representariam cada momento do declínio do poder estadunidense. Gastos militares em linha crescente, o enfraquecimento ideológico do sistema capitalista enquanto criador de uma “sociedade livre”, por exemplo, demonstram a lógica desse quadro, segundo o teórico.

A Era Bush (2001-2009) corroeu totalmente a geocultura²⁵ estadunidense. De antigos “defensores do mundo livre”, os EUA passaram a ser associados à opressão e à tortura. Sob George W. Bush, os EUA tornaram-se um vilão global. Mais recentemente Donald Trump ocupou o lugar de destaque no desgaste dos EUA com sua política de ataques ao meio-ambiente, ao desprezo pelas minorias e na guerra comercial com a China - corolário que culminou com a sua derrota em 2021 para o democrata Joe Biden.

O fato é que sem o “comunismo” como ameaça ao “mundo livre”, os EUA ficaram sozinhos no palco global para exercer o seu poder, agora amplamente questionado, utilizando o *hard power*²⁶ de maneira mais incisiva. A chamada “guerra ao terror” liderada pelos EUA após o 11 de Setembro foi uma tentativa de aglutinar a comunidade internacional usando o terrorismo como tema importante para a agenda global.

O desgaste inevitável do poder hegemônico foi acentuado com a grande competição intracapitalista a partir do pós-guerra: Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Hong Kong, Cingapura e Taiwan), China e Japão. Sem a Guerra Fria como pano de fundo e justificativa para os seus atos arbitrários em todo o planeta, os EUA se

²⁵ Segundo Wallerstein, “Geocultura [...] termo criado por analogia com o da geopolítica, designa normas e práticas discursivas amplamente reconhecidas como legítimas no seio de um sistema-mundo” (WALLERSTEIN, 2006, p. 150).

²⁶ Termo que representa a utilização de meios coercitivos (guerras, invasões, sanções econômicas etc.) por um Estado contra outro, para obter a satisfação dos seus interesses políticos e econômicos.

encaixam perfeitamente na visão de Wallerstein: um líder que ninguém segue ou respeita.

Tendo em mente os fatores apontados, é possível explicar o surgimento de “pontos de contato” entre Washington e alguns países como Irã e Coreia do Norte, por exemplo. A perda da influência sobre a América Latina, como vimos com governos “mais à esquerda” de Chávez na Venezuela (1998-2013), Rafael Correa no Equador (2007-2017) e Evo Morales na Bolívia (2006-2019) ou mais próximos ao “centro” como foram o casal Kirchner na Argentina (2003-2015) e Lula (2003-2011) com eleição de sua sucessora, Dilma Rousseff (2011-2016) nas primeiras décadas do século XXI também revelam os EUA como uma liderança realmente em declínio sob o ponto de vista político.

Com todo o foco da política externa estadunidense praticamente direcionado para o Oriente Médio desde o fim da Guerra Fria, a Casa Branca afrouxou o seu “controle” sobre antigas áreas menos importantes do planeta, mas que possuíam algum destaque no *chessboard* internacional em virtude da grande “ameaça” comunista.

A administração de Barack Obama (2009-2017) tentou reverter essa perda de força ideológica procurando o uso *soft power*²⁷ como caminho mais fácil para recuperar o prestígio dos EUA. Mas não devemos esquecer que o “líder ainda é líder” apesar de sua perda de legitimidade.

²⁷ Termo criado por Joseph Nye, professor da Universidade de Harvard, para designar a capacidade de um Estado influenciar ideologicamente e culturalmente outras nações sem a utilização de meios coercitivos para obter sucesso na defesa dos seus interesses. É o oposto ao conceito de *hard power*.

6 A UTOPISTICA

[...] a utopística envolve uma reconsideração profunda das estruturas do conhecimento e daquilo que realmente sabemos a respeito da maneira como o mundo social funciona.

Immanuel Wallerstein (2003, p. 12)

Segundo Wallerstein, a atual crise sistêmica do capitalismo está na ordem do debate. Tal fato favorece a seguinte pergunta: o que está por vir? As contradições sistêmicas aumentam dia após dia, apesar de “poucas vozes” apontarem tais problemas de maneira realmente efetiva como Wallerstein e Arrighi, por exemplo.

O fato é que a transição histórica, a bifurcação sistêmica atual, requer uma profunda análise sobre o futuro e o que está sendo gestado nesse momento. O que ocupará o lugar do capitalismo? Até 1990 o socialismo “real” (ou não) seria apontado como o substituto. Mas, e agora?

O sociólogo estadunidense foi categórico na afirmativa de que estaríamos passando por uma transição no sistema capitalista mundial. Contudo, não é possível detectar se a mudança será para um sistema ou vários sistemas (WALLERSTEIN, 2003, p. 49). Será para melhor ou pior? Wallerstein não ousou apontar isso. Para uma avaliação correta do que está acontecendo e do que poderá acontecer, Wallerstein elaborou a “Utopística”. Para ele a Utopística seria:

[...] uma avaliação profunda das alternativas históricas, o exercício de nosso juízo para examinar a racionalidade substantiva de possíveis sistemas históricos alternativos; é uma avaliação sóbria e racional e realista dos sistemas sociais humanos, em que condições eles podem existir, e as áreas que estão abertas à criatividade humana. Não o rosto de um futuro perfeito (e inevitável) e sim o rosto de um futuro cujas melhoras sejam verossímeis e que seja historicamente possível (embora longe de ser inevitável). Assim é um exercício que ocorre simultaneamente na ciência, na política e na moralidade (WALLERSTEIN, 2003, p. 8).

A Utopística, portanto, é a necessidade real do conhecimento de como o sistema social funciona na atualidade. Somente a partir disso poderemos elaborar formas de superação da atual transição histórica que estamos passando. A discussão sobre futuro deve envolver, além do entendimento do que está ocorrendo, a perspectiva de construção de algo “novo”. Daí a importância de trabalharmos as perspectivas sob a forma de um trinômio: ciência-política-moralidade. Wallerstein avança afirmando que:

[a] utopística representa uma responsabilidade permanente dos cientistas sociais, mas representa uma tarefa particularmente urgente quando a gama de escolhas é a maior. E quando isso acontece? Precisamente quando o sistema histórico do qual somos parte está o mais longe do equilíbrio, quando as flutuações são maiores, quando as bifurcações estão mais próximas, quando pequenos insumos geram grandes produtos. Eis o momento que estamos vivendo agora e que devemos estar vivendo pelos próximos 25 a 50 anos.

Se quisermos ser sérios quanto à utopística, temos que parar de lutar sobre não questões, e a primeira dessas não questões é determinismo versus livre arbítrio, ou estrutura versus agência, ou global versus local, ou macro versus micro (WALLERSTEIN, 2002, p. 256-257).

A lógica predatória do capitalismo é uma característica inata do sistema, apesar das tentativas de “domesticação” do seu caráter impiedoso cujo exemplo “bem-sucedido” foi o *Welfare State*²⁸ europeu. São sempre mencionados os casos da França, Suécia e da Alemanha, por exemplo. Não devemos esquecer que tais benefícios sociais na realidade são recursos deslocados de outras partes do mundo (sociedades) sob a forma de juros, atraso tecnológico e social etc.

Contudo, a montagem de aparatos jurídico-estatais que garantam benefícios sociais aos trabalhadores foge totalmente à lógica sistêmica do capitalismo histórico. Portanto, não é possível a igualdade para todos, pois o sistema não suporta tal golpe. O primeiro passo é realmente termos o conhecimento do sistema histórico no qual vivemos. Conhecimento sem o “véu ideológico”, a “geocultura” como coloca Wallerstein, o “sucesso pessoal” e mítico como algo comum e de fácil acesso a todos, bastando para isso trabalhar.

Trata-se, portanto, de uma procura pela apreensão da totalidade como substrato fundamental para o avanço social. E uma das formas de avanço é estarmos prepa-

²⁸ Em português, Estado do Bem-Estar Social ou Estado-Providência. Refere-se ao sistema de garantias sociais à população, implementado principalmente na Europa no pós-guerra.

rados para a discussão das estruturas do conhecimento (WALLERSTEIN, 2002, p. 12). Após esse processo estaremos aptos a (re)discutir a política e a moralidade sob um novo paradigma social.

7 AS PERSPECTIVAS DO SISTEMA-MUNDO CONTEMPORÂNEO

Um poder hegemônico não é um poder imperial. Opera de maneira totalmente diferente – sem legitimar o controle político sobre o sistema como um todo, mas com algum sentido de legitimidade moral do seu domínio, um sentido que o hegemônico há de ter sobre si mesmo e que tem de ser amplamente, mesmo que jamais universalmente, compartilhado. [...] Seu próprio sucesso cria condições para a sua extinção [...].

Immanuel Wallerstein (2002, p. 256-257).

A crise mundial de 2008-2009²⁹ certamente deixou o mundo atônito, principalmente ao demonstrar a fragilidade da economia. Mais do que apontarmos este ou aquele país em crise, devemos compreender que a crise é estrutural e permanente. O leitor já deve ter notado que as crises mundiais estão em espaço de tempo cada vez menor e a intensidade (gravidade) é cada vez maior. Isso no plano econômico.

O planeta também dá os seus sinais de crise. O modelo baseado exclusivamente na ideia do consumo acima de tudo vem provocando catástrofes em várias

²⁹ A crise econômica internacional que teve como epicentro os EUA. O banco Lehman Brothers fundado na segunda metade do séc. XIX decretou sua falência e “contaminou” o sistema financeiro do país no mundo. O governo dos EUA, desde então, socorreu as suas instituições financeiras com aproximadamente dois trilhões de dólares.

regiões do planeta com efeitos inimagináveis até algum tempo atrás, a despeito de “paliativos” como “uso consciente dos recursos” ou “desenvolvimento sustentável” – práticas que atentam contra o processo de acumulação do capital “sem fim”.

O que devemos notar é a “feição estrutural” de tais problemas, seja no âmbito econômico ou político, além de lembrarmos que os dois estão interligados inexoravelmente. Salientamos que a ASM é uma das construções teóricas que, a nosso ver, possui as categorias necessárias para superarmos a atual bifurcação sistêmica. Tal como apontou Wallerstein há algumas décadas, estamos vivendo essa bifurcação.

Avançando para o campo das relações internacionais, a ASM colabora de maneira decisiva para uma compreensão mais clara do atual processo que estaríamos vivendo. Se estamos passando por um processo de transição no atual ciclo sistêmico de acumulação com a predominância dos EUA, podemos sentir de maneira intensa tal processo no sistema internacional.

O avanço econômico da China nas últimas décadas para o topo da economia capitalista internacional é um aviso importante dessa transformação. A ideia de um mundo unipolar comandado pelos EUA perdeu força face às grandes contradições sistêmicas: crises econômicas cada vez mais intensas, a perda da “liderança moral” por meio das violações sistemáticas dos Direitos Humanos e a falta de uma “unidade de ação” com os seus antigos aliados são, entre outros fatores, o sinal da mudança.

Um evento negligenciado pelo centro sistêmico capitalista, mais precisamente pela academia e mídia, foi a transformação do acrônimo Brics em um mecanismo de inserção dessas potências emergentes a despeito de suas idiossincrasias internas. O Brics tenta se estabelecer como uma alternativa diante do reordenamento pelo qual todo o sistema mundial está passando atualmente. A dimensão multipolar para essa nova realidade mundial é a chave para a compreensão do processo.

Liderado com mais ênfase pelos chineses com o objetivo de criar alternativas ao predomínio euro-atlântico econômico e geopolítico, o Brics surfou na primeira década do século XXI nas boas condições econômicas geradas pela demanda por recursos naturais e agrícolas de várias nações de baixo-médio desenvolvimento tecnológico. O Brasil foi beneficiado durante esse período e acumulou prestígio e força, agregando força inicial ao Brics.

Ao mesmo tempo, a Rússia de Vladimir Putin voltou ao cenário internacional e passou a ver o Brics também como uma opção de melhor inserção nesse período de transição de ciclo sistêmico. A Índia com a mesma percepção e a África do Sul chegando por último, concluiu as economias emergentes que se destacavam no período.

A criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD em inglês) propiciou a institucionalização financeira do grupo por meio de um ponto que agrega os seus membros e, ao mesmo tempo, se expande para fora dele. Logicamente não é possível apontar a sua capacidade,

por enquanto, de competir com as instituições originadas pós-Bretton Woods (BID, FMI etc.) e comandadas pelos EUA e seus aliados.

Contudo, devemos ter em mente que a diminuição do uso do dólar nas transações entre os países membros do Brics e a criação do Renmimbi como moeda para trocas comerciais pela China, já apontam as transformações em curso. As sanções econômicas de alta envergadura contra a Rússia por ocasião da invasão à Ucrânia em 2022, cujos principais exemplos foram a exclusão de grande parte das instituições financeiras russas do sistema bancário internacional (o chamado SWIFT) e o confisco/congelamento dos recursos do país no exterior, assinalam que não haverá mais sentido em depender de um sistema controlado por poucos países.

É verdade que no momento pode-se visualizar que apesar de ainda não conseguir se apresentar como uma alternativa de grande envergadura para substituir e competir em termos globais com os grandes bancos já estabelecidos, o NBD poderá apresentar vantagens futuramente para os países que não possuem acesso aos recursos do eixo estadunidense/europeu (BID, FMI etc.).

Nesse contexto de imprevisibilidade gerada pela pandemia da covid-19 e a invasão da Ucrânia, o Brics tem que lidar com as demandas de consolidação como instituição e bloco de poder internacional, além de seus países integrantes serem submetidos às transformações sistêmicas engendradas pelos EUA, que lutam para manter a estrutura hegemônica intacta.

Apesar de Wallerstein ser cético em relação ao futuro do Brics, a ASM fornece um material sólido para avaliar o declínio relativo dos EUA e o surgimento de novos blocos de poder que poderiam ocupar o lugar vago deixado pela primazia dos EUA (WALLERSTEIN, 2016, online).

Da mesma forma, o constructo de Wallerstein, com o auxílio das teorias da Geopolítica e das Relações Internacionais, fornece instrumentos para analisar a realidade econômica dos Brics, bem como os aspectos formais do poder, em termos de *hard* e *soft power*.

Os países membros do Brics enfrentam o desafio de manter um propósito utópico inviável, porém não confirmado, como uma economia consolidada do triângulo estratégico formado por China, Índia e Rússia. Para isso, é preciso aumentar o comércio entre os países e catalisar os efeitos colaterais de fazer parte do bloco, principalmente por meio da maior ampliação do Novo Banco de Desenvolvimento.

A China vem defendendo há algum tempo a entrada de novos membros no Brics, o *Brics Plus*, como forma de aumentar a influência global da organização. Em julho de 2022, Moscou mostrou-se favorável à expansão, principalmente por meio da candidatura da Argentina, contudo, sem retirar as prerrogativas dos países fundadores, como afirmou o assessor do presidente russo Yuri Ushakov (SPUTNIK BRASIL, 2022, online).

Durante a 14ª Cúpula do Brics, realizada virtualmente entre os dias 23 e 24 de junho, Argentina e Irã comunicaram as suas candidaturas. Egito, Turquia e Arábia Saudita anunciaram interesse na adesão, que,

se estabelecida, trará uma nova realidade não só econômica como geopolítica.

Envolto por um cenário incerto, o Brics busca ser um ator capaz de propor alternativas dentro de uma ordem em ruptura, frente aos rearranjos globais de poder. Os países do bloco, considerados emergentes, precisarão (re)emergir diante da pandemia da covid-19 e sua crise, que agora é mais um elemento estrutural no tabuleiro de xadrez geopolítico. A capacidade econômica do Brics para o resto do mundo pode prever o futuro do bloco.

7.1 A crise da Ucrânia

Em fevereiro de 2022 a Rússia deu início a uma campanha militar com o objetivo de “desmilitarizar e desnazificar” a Ucrânia, segundo Vladimir Putin. Na verdade, a invasão foi o “segundo ato” da atuação russa após anexar a Crimeia em 2014. Os motivos alegados por Moscou era a chegada da Otan perto de suas fronteiras, por meio de um país com grande relação histórica, e a então virtual entrada de Kiev para a aliança militar ocidental.

Wallerstein, em 2014, dedicou uma análise para a então invasão da Crimeia pelos russos. Segundo Wallerstein:

O conflito sobre a Ucrânia ilumina o perigo da Otan. Os EUA procuraram criar novas estruturas militares, obviamente voltadas para a Rússia, sob o pretexto de que elas visavam combater uma hipotética ameaça iraniana. À medida que o conflito ucraniano se desenrolava, a linguagem da guerra

fria foi revivida. Os EUA usam a Otan para pressionar os países da Europa Ocidental a concordar com as ações anti-russas. E dentro dos EUA, o presidente Barack Obama está sob forte pressão para agir “com força” contra a chamada ameaça russa à Ucrânia³⁰ (WALLERSTEIN, 2014, online).

A existência da Otan como uma aliança militar originada na Guerra Fria contra um inimigo específico como a URSS (que deixou de existir em 1991) perdeu sentido. Contudo, Wallerstein (2014) nos fornece sua visão para uma possível explicação. Segundo ele,

Então, por que a expansão da Otan em vez de sua dissolução? Isso mais uma vez teve a ver com a política intra-europeia e o desejo dos EUA de controlar seus supostos aliados. Foi no regime Bush que o então secretário de Defesa Donald Rumsfeld falou de uma “velha” e uma “nova” Europa. Por velha Europa, ele estava se referindo especialmente à relutância francesa e alemã em concordar com as estratégias dos EUA. Ele via os países da Europa Ocidental se afastando de seus laços com os Estados Unidos. Sua percepção estava de fato correta. Em resposta, os EUA esperavam cortar as asas dos europeus ocidentais, introduzindo estados do leste

³⁰ The conflict over Ukraine illuminates the danger of NATO. The U.S. has sought to create new military structures, obviously aimed at Russia, under the guise that these were meant to counter a hypothetical Iranian threat. As the Ukrainian conflict played on, the language of the cold war was revived. The U.S. uses NATO to press western European countries to agree with anti-Russian actions. And within the U.S., President Barack Obama is under heavy pressure to move “forcefully” against the Russian so-called threat to the Ukraine.

européu na Otan, que os EUA consideravam aliados mais confiáveis³¹ (WALLERSTEIN, 2014, online).

Caminhando na direção de uma explicação geopolítica, Moniz Bandeira, em seu livro *Desordem Mundial* (2016), fez uma magistral análise do cenário de competição entre as potências pelo poder no sistema internacional. Além de uma sustentação bibliográfica e jornalística robusta oriunda de grande pesquisa, seu texto trouxe explicações importantes para a análise das causas da invasão à Crimeia em 2014 pelos russos. Segundo ele,

[...] o embaixador George F. Kennan, arquiteto da estratégia de *containment* da União Soviética, advertiu, sabiamente, que “expanding NATO would be most fateful error of America policy in the entire post-cold-war era”. Poder-se-ia esperar que a decisão – acrescentou – inflamasse as tendências nacionalistas, antiocidentais e militaristas na opinião do povo russo e que tivesse um efeito adverso ao desenvolvimento da democracia na Rússia, bem como arriscasse restaurar a atmosfera da Guerra Fria, nas relações Leste-Oeste, e impedir decisiva-

62

³¹ So, why then the expansion of NATO instead of its dissolution? This had once again to do with intra-European politics, and the desire of the U.S. to control its presumed allies. It was in the Bush regime that the then Secretary of Defense Donald Rumsfeld talked of an “old” and a “new” Europe. By old Europe, he was referring especially to the French and German reluctance to agree with U.S. strategies. He saw the western European countries as moving away from their ties to the United States. His perception was in fact correct. In response, the U.S. hoped to clip the wings of the western Europeans by introducing eastern European states into NATO, which the U.S. considered more reliable allies.

mente sua geopolítica exterior na direção contrária à do que os Estados Unidos gostariam (BANDEIRA, 2016, p. 113).

Na verdade, a invasão da Ucrânia em 2022 deve ser vista por esse prisma ao contrário da narrativa rasa e a-histórica da mídia ocidental.

Figura 8 - George F. Kennan



63

Fonte: Autor desconhecido, 2005 – Domínio Público – disponível no repositório digital da Wikimedia Commons.

George F. Kennan (1904-2005) ainda daria outra declaração em 1998, reforçando os problemas da expan-

são da Otan para o Leste Europeu, declarando-a como um “trágico erro” (BANDEIRA, 2016, p. 115). Outro motivo para a manutenção ativa da Otan no pós-Guerra Fria seria os interesses do complexo-militar e da cadeia de corrupção (comissões e lucros) e o sistema financeiro (BANDEIRA, 2016, p. 115). Ou seja: um grande negócio de bilhões e bilhões de dólares para os bancos estadunidenses financiarem a compra de armas *made in USA*.

O fato é que depois do fim da URSS, certamente a atuação russa na Ucrânia em 2022 seria um fato histórico nas novas relações entre Moscou e o Ocidente. Tal evento certamente promoverá uma rearticulação do poder mundial dentro da perspectiva de declínio da influência dos EUA. O apoio da China ao não condenar de maneira veemente a invasão e propiciar saídas econômicas para Moscou foi um aspecto importante do novo cenário internacional. O papel da Índia também deve ser mencionado ao não ter alterado as relações econômicas com a Rússia. Os dois países resistiram às pressões dos EUA e da UE pelas sanções contra Moscou (FRONTLINER, 2022, online).

A pressão de Washington e da UE para “tirar a Rússia da economia mundial”, segundo palavras do então primeiro-ministro inglês Boris Johnson em 2022 (UOL, 2022, online), assinala o que estava em jogo na Ucrânia: a asfixia geopolítica da Rússia e, consequentemente, do governo de Vladimir Putin. A disposição da Grã-Bretanha nas sanções econômicas contra os russos é de um país que sempre se comportou como um peão estadunidense na Europa.

No âmbito geral, o controle de Washington já não é mais o mesmo. Estamos vivenciando grandes transformações na arena geopolítica internacional. Os EUA conseguirão alcançar os seus objetivos de se manter no topo do comando global no século XXI?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Outro aspecto importante é que os analistas dos sistemas-mundiais são, no conjunto, mais bem treinados do que a maioria dos cientistas sociais de hoje para lidar com essas questões como um todo inter-relacionado.

Immanuel Wallerstein, 2002, p. 239.

A análise dos sistemas-mundo é uma ferramenta importante para compreendermos o atual estágio do capitalismo e as Ciências Sociais sob outra perspectiva. Estamos vivendo um processo histórico de grande importância: crise ambiental, crise democrática, o retorno do discurso fascista, o racismo, entre outros fatores, demonstra que o sistema vive suas contradições.

O (re)surgimento de antigos e novos *players* no sistema internacional e o desafio cada vez mais constante aos EUA ocorrem com mais intensidade. Isso vai ao encontro das análises de declínio do poder de Washington visualizado por Wallerstein e Arrighi nas últimas décadas. Mas o fato concreto é que a base dos nossos problemas societários é o capitalismo histórico que há pelo menos 200 anos degrada e dilapida as condições de sobrevivência dos seres humanos no planeta. O diagnóstico e algumas soluções já foram apontadas.

A originalidade das análises de Wallerstein e Arrighi, em nossa opinião, é levar em consideração as inúmeras variáveis existentes para a compreensão do capitalismo histórico na atualidade. Aspectos econômicos, políticos, culturais e geopolíticos, por exemplo, são fundamentais nesse processo.

No campo das relações internacionais, sua contribuição é muito interessante. Desprezar o avanço econômico da China, no final do século XX, e agora a destreza geopolítica de Beijing, resumindo-a única e exclusivamente a uma mera “ameaça” aos “valores ocidentais”, é de uma pobreza conceitual muito grande, mas válida para o grande público que não conhece os meandros da política internacional. E o Brics com suas assimetrias, mas que vai caminhando e ganhando corpo gradativamente? E a sua expansão que está começando? E a importância da amizade sino-soviética que desafiou as sanções econômicas contra a Rússia e garantiu a Moscou um fôlego importante ao cerco dos EUA/UE na invasão da Ucrânia?

Como o leitor observou, a ASM pode ser utilizada de várias formas e em vários campos para analisar o atual momento de transição sistêmica. Há algum tempo as hierarquias e suas legitimidades estão sendo desafiadas (classe, raça e gênero) com resultados diretos para uma nova perspectiva sob as Ciências Sociais na visão de Wallerstein (WALLERSTEIN, 2002).

Frente aos acontecimentos que estamos vivendo, quando perguntado sobre se ele seria otimista ou pessimista sobre o futuro, Wallerstein possuía uma resposta padrão: “50-50”. “Esta é minha resposta... cinquenta-cinquenta, e ela depende de nós” (WILLIAMS, 2013, p. 209).

Resta, agora, trabalharmos *utopicamente* na elaboração do Novo enquanto vivemos esse processo de transição; ou, como dizia o sociólogo estadunidense, nesse período de bifurcação.

LIVROS PUBLICADOS NO BRASIL³²



Capitalismo Histórico E Civilização Capitalista

Publicado em 2001, apresenta textos sobre a dinâmica capitalista à luz do marxismo crítico. Editora Contraponto.



Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo

Publicado em 2002, faz um balanço da onda liberal e dos seus valores que se tornaram dominantes após a desintegração da URSS. Editora Vozes.



Como o concebemos do mundo: ciência social para o século XXI

Publicado em 2002, o livro traz artigos publicados pelo autor entre 1995 e 1998. Editora Revan.



Utopística ou as decisões históricas do século vinte e um

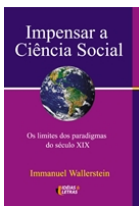
Publicado em 2003, traz a série de Conferências Sir Douglas Robb proferidas na Universidade de Auckland (Nova Zelândia). Editora Vozes.

³² NA: a publicação no Brasil não corresponde necessariamente ao ano da versão original.



O declínio do poder americano

Publicado em 2004, o autor expõe a sua tese sobre a decadência econômica e, principalmente, de legitimidade dos EUA. Editora Contraponto.



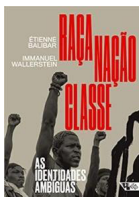
Impensar a Ciência Social

Publicado em 2006, apresenta importantes textos críticos sobre as Ciências Sociais, Desenvolvimento e Sistemas-Mundo. Editora Vozes e Letras.



O universalismo europeu: a retórica do poder

Publicado em 2007, faz uma crítica contundente ao ideário europeu universalista de defesa dos direitos individuais e humanos. Editora Boitempo.



Raça, nação, classe: as identidades ambíguas

Publicado em 2021, em parceria com Étienne Balibar. Editora Boitempo.

BIBLIOGRAFIA COMPLETA DE I. WALLERSTEIN

- 1961: *África, The Politics of Independence*. New York: Vintage.
- 1964: *The Road to Independence: Ghana and the Ivory Coast*. Paris & La Haye: Mouton.
- 1967: *África: The Politics of Unity*. New York: Random House.
- 1969: *University in Turmoil: The Politics of Change*. New York: Atheneum.
- 1972 (com Evelyn Jones Rich): *África: Tradition & Change*. New York: Random House.
- 1974: *The Modern World-System, vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York/London: Academic Press.
- 1979: *The Capitalist World-Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 1980: *The Modern World-System, vol. II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750*. New York: Academic Press.
- 1982 (com Terence K. Hopkins et al.): *World-Systems Analysis: Theory and Methodology*. Beverly Hills: Sage.
- 1982: (com Samir Amin, Giovanni Arrighi e Andre Gunder Frank): *Dynamics of Global Crisis*. London: Macmillan.
- 1983: *Historical Capitalism*. London: Verso.

- 1984: *The Politics of the World-Economy. The States, the Movements and the Civilizations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 1986: *África and the Modern World*. Trenton, NJ: África World Press.
- 1989: *The Modern World-System, vol. III: The Second Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840's*. San Diego: Academic Press.
- 1989 (com Giovanni Arrighi e Terence K. Hopkins): *Anti-systemic Movements*. London: Verso.
- 1990 (com Samir Amin, Giovanni Arrighi e Andre Gunder Frank): *Transforming the Revolution: Social Movements and the World-System*. New York: Monthly Review Press.
- 1991 (com Étienne Balibar): *Race, Nation, Class: Ambiguous Identities*. London: Verso.
- 1991: *Geopolitics and Geoculture: Essays on the Changing World-System*. Cambridge: Cambridge University Press
- 1991: *Unthinking Social Science: The Limits of Nineteenth Century Paradigms*. Cambridge: Polity.
- 1995: *After Liberalism*. New York: New Press.
- 1995: *Historical Capitalism, with Capitalist Civilization*. London: Verso.
- 1998: *Utopistics: Or, Historical Choices of the Twenty-first Century*. New York: New Press.
- 1999: *The End of the World As We Know It: Social Science for the Twenty-first Century*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- 2003: *Decline of American Power: The U.S. in a Chaotic World*. New York: New Press.

- 2003 (com Armand Clesse): *The World We Are Entering 2000-2050*. Amsterdam: Dutch University Press.
- 2004: *The Uncertainties of Knowledge*. Philadelphia: Temple University Press.
- 2004: *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham, North Carolina: Duke University Press.
- 2004: *Alternatives: The U.S. Confronts the World*. Boulder, Colorado: Paradigm Press.
- 2006: *European Universalism: The Rhetoric of Power*. New York: New Press.
- 2011: *The Modern World-System vol. IV: Centrist Liberalism Triumphant, 1789-1914*. California: University California Press.
- 2016 [2004]: *Alternatives – The United States confronts the world*. New York: Routledge.
- 2017: *The World System and Africa*. New York: Diasporic Africa Press.
- 2021: *The Global Left: Yesterday, today, tomorrow*. New York: Routledge.

SITES SOBRE I. WALLERSTEIN E A ANÁLISE DOS SISTEMAS-MUNDO

Immanuel Wallerstein (oficial)

<http://www.iwallerstein.com>

Immanuel Wallerstein

<http://www.faculty.rsu.edu/~felwell/Theorists/Wallerstein/index.htm>

Grupo de Economia Política do Sistema-Mundo/UFSC

<https://gpepsm.ufsc.br/>

World-Systems Archives

<http://wsarch.ucr.edu/>

Fernand Braudel Center

<http://fbc.binghamton.edu/>

The Institute for Research on World-Systems

<http://irows.ucr.edu/>

Entrevista de I. Wallerstein disponíveis na Internet³³

Immanuel Wallerstein (Programa Milênio da GloboNews) – legendas em português

<http://www.youtube.com/watch?v=8XeJICHkNW4>

³³ NA: os vídeos em inglês podem contar com legendas a partir da configuração do vídeo da plataforma.

**Breakfast with Immanuel Wallerstein – On Latin America
– Inglês (2010)**

<http://www.youtube.com/watch?v=G30fv0ZUWEo>

**Breakfast with Wallerstein – On Central Asia – Inglês
(2010)**

<http://www.youtube.com/watch?v=biDhDJ3vj0Y>

**Immanuel Wallerstein on the end of Capitalism – Inglês
(2009)**

<http://www.youtube.com/watch?v=nLvszWBf6BQ>

Wallerstein on the Structures of Knowledge – Inglês

http://www.youtube.com/watch?v=THR_Yks7YkU

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. *Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. Chaos and governance in the modern world system. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

BANDEIRA, Moniz. *A desordem mundial: o espectro da total dominação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BONAPARTE, Napoleão. *Manual do Líder*. Porto Alegre L&PM, 2010.

FRONTLINER. Sanções à Rússia e Putin não encontram apoio em governos da Ásia e da África. 5 mar. 2022. Disponível em: <https://www.frontliner.com.br/sancoes-a-russia-e-putin-nao-encontram-apoio-em-governos-da-asia-e-da-africa/>. Acesso em: 15 maio 2022.

GENZLINGER, Neil. Immanuel Wallerstein, Sociologist with Global View, Dies at 88. *New York Times*, 10 set. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/09/10/books/immanuel-wallerstein-dead.html>. Acesso em: 16 maio 2022.

HARDT, Tony; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARX, Karl. *Teses Sobre Feuerbach*. Lisboa: Moscovo: Edições “Avante!”; Moscovo: Editora Progresso, 1982.

ROJAS, Carlos Antonio A. Immanuel Wallerstein y la perspectiva crítica del “Análisis de los

sistema-mundo”. *Textos de Economia*, Florianópolis, v. 10, n. 2, jul.-dez. 2007.

SPUTNIK BRASIL. Kremlin sobre desejo da Argentina de aderir ao BRICS: Moscou apoia expansão da organização. *Panorama internacional*, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/20220627/kremlin-sobre-desejo-da-argentina-de-aderir-ao-brics-moscou-apoia-expansao-da-organizacao-23313356.html> 27/07/2022. Acesso em: 2 ago. 2022.

VALERY, Paul. Variété. Paris: Édition du Sagittaire, 1934.

VELA, Carlos A. Martinez. *World Systems Theory*. ESD. 83, Fall 2001.

VIEIRA, Pedro Antônio. Immanuel Wallerstein: de africanista a criador da análise dos sistemas-mundo. *Reoriente: estudos sobre marxismo, dependência e sistemas-mundo*, v. 1, n. 1, p. 136-139, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/reoriente/article/view/45898/24742>. Acesso em: 7 set. 2022.

VOIGT, Márcio Roberto. A análise dos sistemas-mundo e a política internacional: uma abordagem alternativa das teorias das relações internacionais. *Textos de Economia*. Florianópolis, v. 10, n. 2, jul/dez. 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O fim do mundo como o concebemos: Ciência Social para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Utopística ou as decisões históricas do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. World-Systems Analysis. In: MODELSKI, G. *Encyclopedia of Life Support*

Systems (EOLSS), UNESCO. Eolss Publishers, Oxford, 2004, p. 1-14. Disponível em: <https://www.eolss.net/sample-chapters/c04/E6-94-01.pdf>

WALLERSTEIN, Immanuel. *Comprendre Le Monde*. Paris: La Découvert, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar a Ciência Social*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. The NATO: Danger to World Peace. *O livro*. Comentário n. 389, 15 nov. 2014. Disponível em: <https://iwallerstein.com/nato-danger-to-world-peace/>. Acesso em: 11 maio 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. The BRICS – a fable for our time. *O livro*. Comentário n. 416, 1º jan. 2016. Disponível em: <https://iwallerstein.com/the-brics-a-fable-for-our-time/>. Acesso em: 14 maio 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The World-System and Africa*. New York: Diasporic Africa Press, 2017.

WILLIAMS, Gregory. P. Special Contribution: Interview with Immanuel Wallerstein “Retrospective on the Origins of World-Systems Analysis. *Journal of World-Systems Research*, v. 19, n. 2, p. 202-210, 26 Aug. 2013.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS

ARRIGHI, Giovanni. *Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 219.

AUTOR DESCONHECIDO. Polányi Károly. In: WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Domínio Público. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pol%C3%A1nyi_K%C3%A1roly.jpg. Acesso em: 6 set. 2022.

CONFINs – Revista Franco-Brasileira de Geografia. n. 21, 2014, online. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9658>. Acesso em: 6 set. 2022.

KOUPRIANOV, Alexei. Immanuel Wallerstein in the European University at St Petersburg on May 24, 2008. In: WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2008. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Immanuel_Wallerstein.2008.jpg sob CC BY-AS 3.0. Acesso em: 6 set. 2022.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA INDONÉSIA. The African-Asian Conference Bulletin, 9 ed., 24 abr. 1955, p. 18. Disponível em: <https://bandung60.files.wordpress.com/2015/04/bandung-bulletin-9-2.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. *Николай Кондратьев.JPG*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://www.promved.ru/images/PV5_6p1r2.JPG. Acesso em: 6 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. *Gramsci.png*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2007.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gramsci.png>. Acesso em: 6 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS, a midiateca livre. *Kennan.jpeg*. Flórida: Wikimedia Foudation, 2007. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kennan.jpeg>. Acesso em: 6 set. 2022.

SOBRE O AUTOR

Charles Pennaforte

Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata/Argentina. Professor do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e coordenador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA), UFPel. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em História/UFPel.

